

A UNIVERSIDADE VAI À ESCOLA FALAR DE SEXO PARA ADOLESCENTES: OFICINAS DE ORIENTAÇÃO SEXUAL NUMA ESCOLA PÚBLICA DE ENSINO FUNDAMENTAL

University goes to school to talk about sex to adolescents: workshop on sexual guidance at a public school in Rio de Janeiro

Elaine Ferreira Rezende de Oliveira

Professora de Licenciatura em História na Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ.

Professora Temporária Adjunta – Pedagogia - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO.

Bolsistas do Programa Conexões de Saberes que participaram das oficinas e que podem ser citados como coautores:

Anelize Coelho de Azevedo (Enfermagem)

Angélica Maria da Silva (Pedagogia)

Bruna Campos Costa (Enfermagem)

Eguiberto Tavares da Silva (Ciência Política)

Ingrid Alves de Figueiredo (Enfermagem)

Laís Regina Franca Coutinho (Enfermagem)

Margarete Marcia de Souza (Biblioteconomia)

Pâmella Paes de Andrade (Nutrição)

Thayssa Souza de Almeida (Enfermagem)

Resumo

O presente artigo analisa uma ação desenvolvida pelo Projeto de Extensão Conexões dos Saberes da UNIRIO, acerca do tema da orientação sexual, realizada numa escola pública do Rio de Janeiro. Em seguida é apresentada uma discussão bibliográfica sobre orientação sexual, por meio da perspectiva de autores do campo da educação, que tratam da sexualidade adolescente. Esses pesquisadores apontam que na escola a sexualidade adolescente é negada, e o tema é tratado na perspectiva do adulto. Os resultados da ação demonstraram que é possível falar de sexualidade para adolescentes no espaço escolar de forma simples, agradável e acessível e, principalmente, sem impor a visão do adulto sobre o tema.

Palavras-chave: Educação; Orientação Sexual; Sexualidade Adolescente.

Abstract

The current article analyses some data from a project at UNIRIO which is called Conexões de Saberes. It deals with sexual guidance at public school in the state of Rio de Janeiro. Afterwards a discussion on sexual guidance is presented throughout some scholars' perspectives on sexual education. These authors point out that teen's sexuality is openly denied in the current school system. It is just discussed from an adult point of view. Experimental data shows that is totally possible to talk about it openly at school in a simple and pleasant way which is also gets to them – without imposing an adult view.

Key words: Education, sexual guidance, adolescent sexuality.

Este artigo tem como objetivo analisar oficinas sobre orientação sexual, realizadas numa escola pública do Rio de Janeiro, e apresentar questões sobre a sexualidade adolescente, presentes na bibliografia educacional contemporânea. As oficinas foram realizadas por mim e pelos bolsistas do Programa de Extensão Conexões de Saberes, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, em que atuo como orientadora pedagógica.

O objetivo do Programa Conexões de Saberes: diálogos entre a universidade e as comunidades populares é levar estudantes universitários oriundos das camadas populares a realizar atividades de extensão, voltadas para o campo da educação e saúde, em escolas e comunidades do Rio de Janeiro. Dessa forma, essas ações têm o objetivo de diminuir a distância entre a universidade e os grupos sociais que não têm acesso a ela e, ao mesmo tempo, transformar a realidade social em que essas ações são desenvolvidas.

O Programa Conexões de Saberes foi criado pela Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD), do Ministério da Educação (MEC), numa parceria com programas como o Escola Aberta, Mais Educação, Ação da cidadania e UNESCO. O Apoio institucional ao Programa na UNIRIO é dado pela Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PROEXC), que fornece os bolsistas do Programa e o espaço para o desenvolvimento das atividades na Universidade.

Segundo depoimento da diretora da escola em que as oficinas foram realizadas, a gravidez na adolescência é um problema recorrente entre os adolescentes que estudam nesse estabelecimento de ensino. Desse modo, nossas ações poderiam ser úteis nesse contexto, pois o projeto do Programa Conexões de Saberes da UNIRIO para o ano de 2012 foi chamado de “Educação em saúde numa comunidade do município do Rio de Janeiro”, cujo objetivo é ampliar o conhecimento, por meio das oficinas desenvolvidas pelos bolsistas, de temas como: prevenção de doenças sexualmente transmissíveis e AIDS, utilização de métodos contraceptivos, planejamento familiar, alimentação saudável, amamentação e prevenção de acidentes domésticos.

Nessa perspectiva, quando o projeto foi apresentado à diretora da escola, ela ficou interessada em que fossem desenvolvidas com os alunos ações para ampliar o conhecimento sobre o tema da orientação sexual.

A escola em que as oficinas foram realizadas é uma escola pública estadual e está localizada num bairro de camadas populares em um município da Baixada Fluminense, região metropolitana do Rio de Janeiro. A escola atende alunos do Ensino Fundamental e no ano de 2012 tinha 574 alunos matriculados. Os alunos atendidos pela escola são, em sua maior parte, oriundos de famílias de camadas populares, com pais que exercem trabalhos manuais, tais como: empregados domésticos ou do comércio.

Neste artigo, para analisar as oficinas, será apresentada numa primeira parte do texto uma revisão do tema da orientação sexual, fundamentada em autores do campo da educação, e em seguida uma síntese das ações realizadas nas oficinas com os adolescentes apontando considerações preliminares sobre o trabalho desenvolvido por nós, na escola.

Orientação sexual nas escolas: o tratamento dado ao corpo e à sexualidade na bibliografia do campo da educação

O corpo, as paixões, a sexualidade ainda podem ser considerados como temas árdusos no campo da educação, na medida em que o campo educacional rejeita frequentemente tratar da sexualidade, fazendo com que esse debate se torne desafiador para professores que atuam em diversos níveis de ensino.

Segundo Louro (2010), o sistema de ensino foi estruturado na estreita divisão entre corpo e mente, desconsiderando a subjetividade e a identidade dos indivíduos, contudo, analisando com um olhar mais cuidadoso a escola, pode-se perceber

que todos os processos educativos sempre estiveram e – e estão – preocupados em vigiar, controlar, modelar, corrigir, construir os corpos de meninos e meninas, jovens, homens e mulheres. Os corpos foram e são – objeto da mais meticulosa atenção, não apenas das escolas, mas de várias instâncias sociais. (LOURO et al., 2010, p. 7)

Nessa perspectiva, compreendendo que a escola precisava se adequar a um contexto em que os adolescentes passaram a exercer sua sexualidade com mais liberdade, alguns países passaram a incluir no sistema de ensino temáticas relacionadas ao cotidiano das pessoas. Essa proposta passa a ser discutida no Brasil e na Espanha, com a denominação de “Temas Transversais”, por meio de reformas na legislação educacional, ocorridas no final do século XX. Em 1996, o MEC organizou os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), com uma nítida influência da reforma educacional espanhola ocorrida em 1989.

Para Araújo (2003), no discurso oficial, os objetivos dessa proposta eram: resgatar a dignidade humana, a equidade de direitos, a participação na vida social e a corresponsabilidade com a vida em sociedade. Os Temas Transversais adotados na legislação educacional brasileira foram: Ética, Pluralidade Cultural, Meio Ambiente, Saúde, Trabalho e Consumo e Orientação Sexual.

Sobre a inclusão no currículo do tema orientação sexual por determinação governamental, é preciso levar em consideração:

o próprio apelo de crianças e adolescentes para discussão da temática, a insistente veiculação midiática (sobretudo na TV), a admitida omissão familiar, as constantes políticas de saúde pública de HIV/AIDS, as iniciativas (cada vez mais comuns) de professoras e professores no âmbito da escola formal. (FURLANI, 2010, p.67)

Uma outra questão sobre sexualidade na adolescência é que algumas diferenças na orientação sexual dada para meninos e meninas no interior das famílias permanecem, pois, segundo Fonseca (2000), nas camadas populares, a honra feminina ainda está relacionada à guarda da sexualidade e a honra masculina ao trabalho e à honestidade. Dessa forma,

temas como orientação sexual, quando tratados pela escola, devem ser discutidos com liberdade e ao mesmo tempo considerar alguns valores e normas dos grupos sociais com os quais trabalham.

Dessa forma, as identidades sexuais da juventude na contemporaneidade, segundo Soares e Meyer (2003), são influenciadas por diversas instâncias sociais, o que não significa que a escola deixou de ser um importante espaço de aprendizagens, mas que é preciso compreender que “essas aprendizagens envolvem um complexo de forças e processos que incluem instâncias como os meios de comunicação de massa, os brinquedos, a literatura, o cinema, a música, e produzem, por exemplo, diferentes e conflitantes formas de conceber e de viver a juventude, o corpo e a sexualidade” (SOARES e MEYER, 2003, p. 139).

Para Altman (2009) é necessário tratar de educação sexual nas escolas de forma desvinculada de temas como reprodução ou métodos anticoncepcionais, pois estes temas, quando tratados na escola, estão sempre relacionados ao mundo adulto, permanecendo distante dos adolescentes e sugerindo o não reconhecimento da sexualidade desse grupo. Segundo a autora, em ações que tratam da sexualidade na adolescência, é preciso considerar que

Há uma contradição no trabalho desenvolvido pela escola. Na medida em que a educação sexual é trabalhada a partir do tema reprodução, esta acaba sendo enfatizada, quando é justamente a ocorrência dela entre adolescentes que diversas políticas públicas querem evitar. A relação sexual acaba constantemente vinculada à reprodução – nem que seja para evitá-la e não ao prazer, às relações entre as pessoas, independentemente da sua orientação sexual etc. (ALTMAN, 2009, p. 196)

Diante do exposto, enquanto preparávamos as oficinas de orientação sexual que seriam realizadas na escola, eu e os bolsistas do Programa Conexões de Saberes conversamos sobre qual seria a forma mais adequada para tratarmos desse tema com adolescentes, reconhecendo a sexualidade do grupo e fugindo da armadilha de difundir a perspectiva do adulto, pois

Essa ênfase na reprodução é a principal responsável pelo raciocínio de aceitar (como possível, como normal, como “natural”), exclusivamente o envolvimento sexual e afetivo entre pessoas do sexo oposto. Além disso, traz outras implicações e limitações: 1) legitima apenas a vida sexual daquelas pessoas que estão no período reprodutivo, ou seja, na adolescência e na vida adulta, e desconsidera a possibilidade de vivência da sexualidade na infância e na terceira idade; 2) legitima a prática sexual com penetração vaginal, como indiscutivelmente, “a única” e “a melhor”, favorecendo o preconceito a outras práticas sexuais e a masturbação; 3) acentua a incompreensão da possibilidade de pessoas do mesmo sexo estabelecerem relacionamentos afetivos e sexuais; 4) dificulta o entendimento e a aceitação de uma sexualidade objetivando o prazer, sem a intencionalidade de filhos; 5) engessa a ideia de família como sendo aquela que, necessariamente, é constituída de um homem, uma mulher e filhos (uma concepção que acaba escravizando o casal na obrigatoriedade de ter filhos,

subtraindo-lhes o direito da maternidade e da paternidade como escolhas). (FURLANI, 2010, p. 73)

Apesar de as dificuldades para tratar da sexualidade em algumas escolas persistirem, a bibliografia usada neste artigo apontou que, em decorrência das mudanças na realidade social nas últimas décadas, professores e comunidade escolar ganharam maior legitimidade para tratar desse tema. A bibliografia aqui relacionada aponta que é preciso compreender que, para fazer orientação sexual na contemporaneidade, é necessário levar em consideração o contexto social em que essa sexualidade é vivenciada.

As oficinas realizadas com os adolescentes na escola: entre o esperado e o vivido

Após algumas discussões acerca da abordagem que deveríamos dar à orientação sexual nas oficinas, chegamos à conclusão de que o melhor seria usar uma linguagem e atividades próximas do cotidiano desses alunos, tratando de desigualdades de gênero, homossexualidade, aborto, métodos contraceptivos, DSTs, gravidez indesejada e outros temas que poderiam ser levantados pelos adolescentes, durante a realização das nossas ações.

As oficinas foram realizadas durante um dia inteiro – com alunos do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental, que estudavam no turno da manhã e da tarde – e duraram em média uma hora. Participaram das oficinas 113 alunos, que tinham entre 13 e 17 anos, com idade mediana de 15 anos.

Elaboramos e realizamos as oficinas, com as seguintes atividades:

- 1) Dinâmica de sensibilização sobre troca de parceiros, em que foi trabalhada a ideia de que quem vê cara não vê DST;
- 2) Jogo das placas, em que fazíamos uma afirmação sobre sexualidade, e os alunos indicavam placas concordando com as informações dadas ou discordando;
- 3) Debate com questões propostas pelos alunos, em que apareceram os temas: troca constante de parceiros, masturbação, interrupção de gravidez não desejada, celibato por motivos religiosos e orgasmo, entre outros;
- 4) Demonstração da utilização correta da camisinha masculina e feminina, com a participação espontânea dos meninos e meninas;
- 5) Conversa sobre DSTs;
- 6) Avaliação escrita sobre as oficinas.

Ao contrário do que pensávamos enquanto elaborávamos as oficinas na Universidade, os alunos não se mostraram tímidos ou com receio de tirar dúvidas acerca da sexualidade. Meninos e meninas participaram com a mesma intensidade dos debates, entretanto os meninos contaram mais sobre suas experiências sexuais e falaram mais de suas aventuras, citaram, por exemplo, troca constante de parceiras. As meninas não se abriram tanto, relataram experiências de amigas e parentes da mesma idade e que estavam relacionadas aos temas que foram tratados. Os adolescentes mais velhos demonstraram menor timidez e foram mais participativos durante os debates comigo e com os estagiários. Quanto menor era a idade média da turma, menor era a participação nos diálogos travados com nossa equipe.

Nas avaliações das oficinas, escritas pelos alunos, alguns apontaram que atividades como as desenvolvidas por nós eram legais e divertidas e que eles sentiam falta disso no cotidiano da escola. Entretanto, as avaliações escritas não nos forneceram muitos dados, na medida em que eles ficaram livres para fazer a avaliação com o formato que desejassem, eles escreveram muito pouco, avaliando as oficinas somente com uma palavra como: interessante, importante, boa, muito boa, legal, adoramos e gostamos.

Alguns ressaltaram que esse é um tema de muita importância para eles e que deveria ser mais conversado na escola. Os nomes dos alunos que deram os depoimentos foram omitidos, para preservar a identidade dos adolescentes que participaram das ações. Uma menina de 14 anos, do 8º ano do Ensino Fundamental, avaliou: “Eu gostei da oficina, foi bom, que eu já sabia de algumas coisas, mas hoje eu aprendi mais sobre isso, gostei muito”. Outra menina, também com 14 anos, afirmou: “Gostei porque isso é importante pra nós que somos jovens, isso é experiência pra gente ficar mais ligado com as relações!”.

O ambiente em que as oficinas foram realizadas foi agradável e descontraído. A relação estabelecida entre o nosso grupo e os adolescentes da escola foi gratificante pra nós, pois eles pareceram estar bem à vontade para perguntar e esclarecer suas dúvidas. As nossas ações demonstraram que falar sobre sexualidade na escola, para essa faixa etária, com liberdade, sem preconceitos e sem negar a sexualidade nessa fase da vida, é algo desejado pelos adolescentes nos dias de hoje.

Considerações preliminares

As oficinas sobre orientação sexual, aqui analisadas, nos possibilitaram enxergar que, ao contrário de como age a escola, negando a sexualidade dos adolescentes, estes parecem lidar com essa área de suas vidas de uma maneira menos rígida e mais aberta do que em gerações passadas. Ao contrário do que tínhamos enquanto planejávamos as oficinas, os adolescentes falaram abertamente sobre suas dúvidas e levantaram inúmeras questões relacionadas a sua sexualidade.

Isso pode nos informar se as instituições sociais em seu sentido clássico (escola, família, religião, Estado etc.) se modificaram muito nas últimas décadas. Dessa forma, é necessário preparar melhor os professores e o sistema de ensino para tratar de sexualidade na escola, pois essas transformações modificaram também as identidades sexuais dos indivíduos que dessas instituições fazem parte.

Constatamos por meio de nossas ações que, se a escola nega a sexualidade adolescente, tratando-a na perspectiva do adulto, os adolescentes envolvidos nas oficinas não negaram que exercem sua sexualidade e que estão muito interessados em buscar informações e dialogar sobre o tema. Talvez a relação cindida entre corpo e mente, objetividade e subjetividade, presente no material didático e nas posturas dos professores, necessite de uma revisão, que deve ser enfrentada pelos adultos responsáveis pela orientação sexual dada no sistema de ensino. Os adolescentes que participaram das oficinas demonstraram que eles estão abertos para o diálogo e que não têm problema de assumir o exercício da sexualidade nessa fase da vida.

Referências Bibliográficas

ALTMANN, Helena. **Educação Sexual em uma escola: da reprodução à prevenção.** Cadernos de Pesquisa, São Paulo, v. 39, n. 136, p. 175-189, jan./abr. 2009.

ARAUJO, Ulisses F. **Temas transversais e a estratégia de projetos.** São Paulo: Moderna, 2003.

FONSECA, Claudia. **Família, fofoca e honra**: etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares. Porto Alegre: EDUFRGS, 2000.

FURLANI, Jimena. Educação Sexual: possibilidades didáticas. In: LOURO, Guacira L.; FELIPE, Jane; GOELNER, Silvana V. **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. p.66-81.

LOURO, Guacira L.; FELIPE, Jane; GOELNER, Silvana V. Introdução. In: LOURO, Guacira L.; FELIPE, Jane; GOELNER, Silvana V. **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. p. 7-8.

SOARES, Rosângela de F. R.; MEYER, Dagmar E. E. O que se pode aprender com a “MTV de papel” sobre juventude e sexualidade contemporâneas?”. **Revista Brasileira de Educação**. p. 136-148. Maio/Jun./Jul./Ago., 2003.